

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Coro Ricercare

Coro Casa da Música

Giordano Bellincampi direcção musical

Maria Luigia Borsi soprano

Olesya Petrova meio-soprano

Gustavo Porta tenor

Ievgen Orlov barítono

9 Abr 2022 · 18:00 Sala Suggia

CONCERTOS DE PÁSCOA

CONCERTO DEDICADO À LACTOGAL



casa da música

FUNDADOR GOLD

 LACTOGAL

Giuseppe Verdi

Missa de Requiem (1874; c.1h25min)

1. Intróito: Requiem – Kyrie eleison (quarteto de solistas e coro)
2. Sequência: Dies irae
 - Dies irae (coro)
 - Tuba mirum (baixo e coro)
 - Liber scriptus (meio-soprano e coro)
 - Quid sum miser (soprano, meio-soprano e tenor)
 - Rex tremendae (quarteto de solistas e coro)
 - Recordare (soprano e meio-soprano)
 - Ingemisco (tenor)
 - Confutatis (baixo e coro)
 - Lacrimosa (quarteto de solistas e coro)
3. Ofertório (quarteto de solistas)
4. Sanctus (coro I e II)
5. Agnus Dei (soprano, meio-soprano e coro)
6. Comunhão: Lux aeterna (meio-soprano, tenor e baixo)
7. Libera me (soprano e coro)

Texto original e tradução nas páginas 6 a 9.

Giuseppe Verdi

RONCOLE (PARMA) 10 DE OUTUBRO DE 1813

MILÃO, 27 DE JANEIRO DE 1901

Missa de Requiem

As artes, o espaço público, o mercado e a morte interligaram-se de forma continuada durante todo o século XIX. A *Missa da Requiem* de Giuseppe Verdi, composta em 1874 e dedicada pelo compositor à memória do escritor Alessandro Manzoni (1785-1873), é uma obra que ilustra bem essa relação. Sem renunciar ao seu estatuto de obra artística, foi concebida como um gesto público para honrar uma figura pública na hora da sua morte, mas também proporcionou ao seu autor devido reconhecimento, tanto pelo considerável número de vezes que foi executada como pelo contrato editorial que a sustentou. Esta ligação, no entanto, também se evidenciou no domínio das artes plásticas, que podemos utilizar para contextualizar melhor a composição na sua época.

Assim, o túmulo de Manzoni encontra-se no Templo da Fama que dá entrada ao Cemitério Monumental de Milão. A criação desse espaço respondeu à vontade de preservar publicamente a memória de figuras destacadas da cultura italiana, e particularmente daquelas de origem milanesa. Os restos mortais de Arrigo Boito, Arturo Toscanini ou Maria Callas estão neste cemitério, juntamente com a efígie de personalidades ilustres que foram sepultadas em outros lugares. É o caso de Verdi, cujo busto faz parte da ornamentação do referido Templo da Fama, designado em italiano com o termo “Famedio”. O cemitério foi concluído em 1866, segundo o projecto de Carlo Maciachini. O arquitecto, que ficou o resto da sua vida profissional ligado à arquitectura funerária, concebeu uma construção moderna, inspirada

no entanto na corrente historicista típica do Romantismo. A fachada, por exemplo, remete para a arquitectura milanesa medieval. No seu interior, o cemitério é uma espécie de grande galeria de arte ao ar livre, onde se pode apreciar a obra de alguns dos escultores italianos mais importantes de finais do século XIX e também do século XX, tais como Ettore Ximenes, Adolfo Wildt ou Francesco Messina.

Acontece que Manzoni foi, juntamente com Giuseppe Mazzini (1805-1872), uma das figuras centrais do Romantismo literário italiano. Ambos tiveram influência na modificação das temáticas tratadas pela ópera, ocorrida nas primeiras décadas do século XIX. Manzoni, particularmente, influenciou o surgimento de uma corrente relacionada com o tratamento de temas sociais mais focados na família ou no indivíduo e na virtude pessoal. Para David Kimbell, esta influência manifestou-se, no que diz respeito a Verdi, em obras como *Rigoletto* ou *Luisa Miller*. Como escritores, o seu trabalho foi determinante para a fixação do italiano como língua oficial das regiões unificadas em 1861, sob a coroa do rei Vítor Emanuel.

A dimensão pública do *Requiem* de Verdi não se limita apenas à sua dedicatória. Não podemos esquecer, com efeito, que uma parte fundamental do processo de unificação italiana se desenvolveu contra o poder papal. A sua conclusão só foi possível quando a França deixou de defender militarmente Pio IX contra os nacionalistas que pretendiam transformar Roma na capital da Itália unificada. Em 1871, quando Vítor Emanuel II ofereceu ao Papa a possibilidade de ser o Chefe do Estado do bairro romano do Vaticano, este recusou, declarando-se prisioneiro do Estado Italiano. Este diferendo só teve a sua conclusão em 1929, com um tratado assinado pelo Papa Pio XI e por Benito Mussolini. Nestas circunstâncias

particulares, a participação da sociedade civil nas manifestações rituais associadas à passagem da vida para a morte, tradicionalmente de carácter religioso, ganha um significado particular, que pode iluminar o significado simbólico do gesto verdiano.

As palavras que o próprio Verdi escreveu a propósito da morte de Manzoni são esclarecedoras neste ponto: “Com Ele extingue-se a mais pura, a mais santa, a mais alta das nossas glórias!”. E reforçam-se se pensarmos que, poucos anos antes, em 1868, o próprio Verdi tinha sido o principal promotor da composição colectiva de uma outra missa de *Requiem* dedicada à memória de Rossini, “em testemunha — mais uma vez, nas palavras do compositor — da imensa veneração que todos votamos a esse homem, cuja perda é chorada pelo mundo inteiro”. O “Libera me” que conclui a partitura dedicada a Manzoni foi originalmente escrito para o *Requiem* rossiniano, cuja primeira audição só teve lugar há duas décadas.

À faceta monumental e pública do *Requiem*, podemos juntar um outro aspecto que se prende com a experiência quotidiana da morte na época, assim como com a sua sublimação através da arte. Por exemplo, a maneira como a morte era formalmente encarada nos meios burgueses oitocentistas alemães casa bem com outro *Requiem* mais ou menos contemporâneo do escrito por Verdi, o *Deutsches Requiem* (1866) de Brahms, que transmite doçura, esperança e consolo, o oposto das aterradoras imagens contidas no *Requiem* da liturgia em latim. Essa subjectividade, como é igualmente patente no caso da obra verdiana, colocou este género na esfera do puramente artístico, tornando secundária a discussão acerca da “sinceridade” do autor na sua apropriação de um texto litúrgico (Verdi declarou, aliás, ser “um pouco ateu” nesta matéria...).

O crítico musical Eduard Hanslick, o “tradicionalista” defensor de Brahms contra os “progressistas” partidários de Liszt e Wagner, colocou, de forma pertinente, a questão nos seguintes argumentos: “No que diz respeito à música sacra, tendemos actualmente a escutá-la e a entendê-la como arte. O que a Igreja elogia ou condena nela é para nós indiferente... Nós, filhos do nosso tempo, vemos no *Stabat Mater*, no *Requiem*, inclusivamente no texto da missa, um poema santificado pelo seu conteúdo e pela tradição, mas que é na mesma um poema ao serviço do compositor que o usa como material para o seu trabalho. O que o compositor faz a partir dele é, para nós, uma obra de arte livre, cujo direito de existir está encarnado na sua grandeza artística e na sua beleza, não na sua utilidade na igreja. Em resumo, pensamos na sala do concerto mais do que no templo, e o mesmo fazem os maestros.”

Ao contrário de Brahms, Verdi pôs a sua leitura sob o signo do trágico, mas isto não significa que o impressionante efeito da sua partitura, sobretudo quando vista e ouvida ao vivo, se explique apenas mediante a sua assimilação ao género operático: Verdi não escreveu, como disse um dos seus detractores contemporâneos, o lisztiano e wagneriano Hans von Bülow, uma “ópera para a igreja”. O que ele fez foi sublinhar as violentas cores e os fortes contrastes dramáticos originalmente presentes nos textos sacros que lhe serviram de base, ao mesmo tempo que tentou preservar a “unità” da obra, mediante a utilização de motivos recorrentes. A utilização do contraponto é outro dos elementos directamente ligados com a técnica de composição que distanciam a partitura do mundo da ópera.

No que diz respeito aos meios utilizados por Verdi para assegurar a unidade da partitura, podemos referir como sendo um dos

mais evidentes a utilização do mesmo material musical do “Dies irae” duas vezes na “Sequência” e mais uma vez no “Libera me” com que finaliza a obra. A sua evidência, porém, pode ocultar o uso mais subtil da derivação de uma rede motívica dividida em duas “famílias”, conforme a expressão utilizada por David Rosen, autor da edição crítica da partitura da obra. A primeira caracteriza-se por uma linha descendente por movimentos disjuntos que se estende ao longo de um intervalo de nona ou maior (como o tema da fuga do “Libera me”). O segundo apresenta um contorno diferente, com um movimento conjunto num intervalo de terceira ou quarta, ascendente ou descendente, que logo se comporta de forma simétrica, voltando ao ponto de partida (como o tema de “Te decet hymnus”).

Verdi interpretou o texto da missa com fidelidade, escolhendo estruturas musicais que reflectem as que ele sugere. Mais ainda, traduziu o conteúdo mediante imagens musicais, sublinhando todo o seu poder expressivo. Por exemplo, na primeira parte do Intróito, a estrutura ABA reflecte claramente a oposição entre a antífona (“Requiem aeternam”) e o salmo (“Te decet hymnus”). Já dentro da antífona, Verdi sublinha as palavras “et lux perpetua” com uma frase nos primeiros violinos e pela passagem do modo menor para o modo maior. Podemos referir outros exemplos retirados da “Sequência”, cujas nove secções se prolongam aproximadamente durante quarenta minutos. Assim, o terror associado ao “Dies irae” é sublinhado mediante diversos gestos: a instrumentação, escalas em sentido contrário, o cromatismo e a instabilidade tonal, figuras associadas ao lamento (nas madeiras, no “Quantus tremor”). O compositor sublinhou o carácter visionário dos versos que começam com as palavras “Liber scriptus proferetur”, fazendo-os coincidir

com a primeira intervenção solista de certa importância: a comparação de, neste caso, a meio-soprano com uma espécie de Sibila tem sido notada. Tal como nas restantes intervenções dos solistas, depende em grande medida do cantor ou da cantora em questão o efeito expressivo conseguido. Verdi destacou isto a propósito de “Mors stupebit”, quando assinalou que não havia nada mais fácil do que aquelas quatro notas, embora ele também achasse que era muito difícil interpretá-las bem.

Este tipo de contrastes expressivos contrasta igualmente os números entre si. Uma ilustração do que foi dito pode ser a comparação entre a transparência quase etérea que predomina no “Ofertório” com as fanfarras e o dinamismo da dupla fuga escrita no “Sanctus”. Este, por sua vez, contrasta com a longa linha da imploração do “Agnus Dei”, cantada pelas duas solistas femininas, cujas vozes devem ser ouvidas como se de uma só se tratasse.

“Lux aeterna” e “Libera me” são, por razões diferentes, os números mais extraordinários da partitura: o primeiro pela sua imaterialidade e o segundo pela sua tocante força. Este último teve a sua origem na missa antes mencionada, que Verdi quis dedicar à memória de Rossini. Após alguma revisão, a partitura foi utilizada para concluir esta segunda missa dedicada a Manzoni. Trata-se de uma espécie de cantata protagonizada pela soprano e pelo coro. A solista transforma as palavras “Libera me, Domine, de morte aeterna” numa súplica individual, à qual sucede bruscamente a pavorosa música associada ao verso “Dies irae” ouvida no início da composição (antecipada, no entanto, na frase “Dum veneris judicare saeculum per ignem”, cantada pela soprano). Na secção seguinte, na antífona “Requiem aeternam” desaparece o acompanhamento orquestral, um golpe de efeito que sublinha a pungente súplica, que

culmina, na parte solista, num Si bemol agudo em *pianissimo* (com 4 *pppp*). Mas o sentimento de consolação dura pouco, com o retorno do responso “Libera me, Domine, de morte aeterna”, desta vez amplificado pelo coro com um monumental *fugato* cuja força, por momentos, parece que pode ser suavizada pelas líricas intervenções da solista. O final, porém, acaba com o dinamismo típico do *fugato*, citando os primeiros compassos. Esta circularidade pode ser lida como sinónimo de desesperança, uma ideia sublinhada pela harmonia e pela repetição, num murmúrio, da salmodia sobre as palavras “Libera me” pelo coro e pela solista.

TERESA CASCUDO

Nota ao programa gentilmente cedida
pela Fundação Calouste Gulbenkian

1. Intróito: Requiem — Kyrie eleison

QUARTETO DE SOLISTAS E CORO

*Requiem aeternam dona eis, Domine;
et lux perpetua luceat eis.*

Te decet hymnus, Deus in Sion:

et tibi reddetur votum in Jerusalem;

exaudi orationem meam,

ad te omnis caro veniet.

Requiem aeternam dona eis, Domine.

Kyrie eleison.

Christe eleison.

Kyrie eleison.

2. Sequência: Dies Irae

CORO

Dies irae, dies illa,

solvat saeculum in favilla,

teste David cum Sybilla.

Quantus tremor est futurus,

quando iudex est venturus,

cuncta stricte discussurus!

BAIXO E CORO

Tuba mirum spargens sonum

per sepulcra regionum,

coaget omnes ante thronum.

Mors stupebit, et natura,

cum resurget creatura,

judicanti responsura.

MEIO-SOPRANO E CORO

Liber scriptus proferetur,

in quo totum continetur,

unde mundus iudicetur.

Judex ergo cum sedebit,

quidquid latet apparebit:

Nil inultum remanebit.

Dá-lhes, Senhor, o repouso eterno;
e que para eles resplandeça a luz perpétua.

A ti são dirigidos hinos em Sião,

a ti são oferecidos votos em Jerusalém;

ouve a minha oração;

perante ti comparecem todas as criaturas.

Dá-lhes, Senhor, o repouso eterno;

Senhor, tem piedade de nós.

Cristo, tem piedade de nós.

Senhor, tem piedade de nós.

Dia da ira, dia esse

que consumirá a terra em cinzas,

segundo as profecias de David e da Sibila.

Qual não será o terror dos homens,

quando vier o Juiz

que julgará tudo com severidade!

A trombeta, espalhando o seu som estridente

pelos sepulcros de toda a parte,

chama a todos perante o trono.

A morte e a natureza ficarão estupefactas

quando todas as criaturas se levantarem,

para responderem perante o Juiz.

Aberto será o livro

no qual está contido tudo

pelo qual o mundo será julgado.

Quando o Juiz tomar o seu lugar,

tudo o que estiver oculto aparecerá:

Nada ficará impune.

SOPRANO, MEIO-SOPRANO E TENOR

Quid sum miser tunc dicturus?

Quem patronum rogaturus,

cum vix justus sit securus?

QUARTETO DE SOLISTAS E CORO

Rex tremendae majestatis

qui salvandos salvas gratis,

salva me, fons pietatis!

SOPRANO E MEIO-SOPRANO

Recordare, Jesu pie,

quod sum causa tuae viae,

ne me perdas illa die!

Quaerens me, sedisti lassus,

redimisti crucem passus.

Tantus labor non sit cassus!

Juste iudex ultionis,

donum fac remissionis

ante diem rationis.

TENOR

Ingemisco tamquam reus

culpa rubet vultus meus

supplicanti parce, Deus.

Qui Mariam absolvisti,

et latronem exaudivisti

mihi quoque spem dedisti.

Preces meae non sunt dignae

Sed tu bonus fac benigne,

Ne perenni cremer igne.

Inter oves locum praesta

Et ab haedís me sequestra

Statuens in parte dextra.

BAIXO E CORO

Confutatis maledictis

flammis acerbis addictis

voca me cum benedictis.

Que direi eu então, que sou um miserável?

A que protector apelarei,

se até o justo dificilmente estará seguro?

Ó Rei de tremenda majestade,

que salvas os que são dignos de salvação,

salva-me, fonte de piedade!

Recorda-te, ó piedoso Jesus,

de que vieste ao mundo por minha causa,

não me abandones nesse dia!

Procurando-me, cansaste-te,

redimiste-me morrendo na cruz.

Que tanto trabalho não tenha sido em vão!

Juiz de justo castigo,

Dá-me o dom da remissão

antes do dia do juízo.

Choro e gemo como um réu,

a culpa enrubesce o meu semblante,

perdoa, ó Deus, ao que te implora.

Porque absolveste Maria,

e ao ladrão atendeste,

também a mim acabaste por dar esperança.

As minhas preces não são dignas,

mas tu, que és bom, abençoa-as,

para que não me devore o fogo.

Dá-me lugar entre as ovelhas

e afasta-me dos cabritos,

colocando-me à tua direita.

Condenados os malditos

e lançados às chamas ardentes,

chama-me com os eleitos.

*Oro supplex et acclinis
cor contritum quasi cinis
gere curam mei finis.*

*Dies irae, dies illa,
solvat saeculum in favilla,
teste David cum Sybilla.*

QUARTETO DE SOLISTAS E CORO

*Lacrimosa dies illa,
qua resurget, ex favilla
judicandus, homo reus:
Huic ergo parce Deus.
Pie Jesu, Domine,
Dona eis requiem. Amen.*

3. Ofertório

QUARTETO DE SOLISTAS

*Domine Jesu Christe, Rex gloriae,
libera animas omnium fidelium defunctorum
de poenis inferni et de profundo lacu:
Libera eas de ore leonis,
ne absorbeat eas tartarus,
ne cadant in obscurum:
Sed signifer sanctus Michael
repraesentet eas in lucem sanctam:
Quam olim Abrahae promisisti,
et semini ejus.*

*Hostias et preces tibi,
Domine, laudis offerimus:
Tu suscipe pro animabus illis,
quarum hodie memoriam facimus:
Fac eas, Domine, de morte transire ad vitam.*

4. Sanctus

CORO I E II

*Sanctus Dominus, Deus Sabaoth.
Pleni sunt coeli et terra gloria tua.
Hosanna in excelsis.
Benedictus, qui venit in nomine Domini.*

Oro, súplice e prostrado,
o coração contrito, quase em cinzas:
compadece-te do meu fim.

Dia da ira, dia esse
que consumirá a terra em cinzas,
segundo as profecias de David e da Sibila.

Nesse dia cheio de lágrimas,
que o pecador renasça das suas cinzas
para ser julgado:
Tem, pois, piedade dele, ó Deus.
Piedoso Jesus, Senhor.
Concede-lhe o repouso eterno. Ámen.

Senhor Jesus Cristo, Rei da Glória,
liberta as almas de todos os que morreram fiéis
das penas do inferno e do lago profundo:
Liberta-as da boca do leão,
que não sejam absorvidas no inferno,
nem caiam na escuridão:
Mas que São Miguel, o porta-estandarte,
as conduza à luz santa:
Como em tempos prometeste a Abraão
e aos seus descendentes.

Sacrifícios e preces a ti,
Senhor, oferecemos com louvores:
Recebe-os em favor daquelas almas,
das quais hoje nos lembramos:
Faz, Senhor, com que passem da morte à vida.

Santo é o Senhor, Deus dos Exércitos.
O Céu e a terra estão cheios da tua glória.
Hossana nas alturas.
Bendito o que vem em nome do Senhor.

5. Agnus Dei

SOPRANO, MEIO-SOPRANO E CORO

*Agnus Dei,
qui tollis peccata mundi:
donna eis requiem.*

*Agnus Dei,
qui tollis peccata mundi:
donna eis requiem.*

*Agnus Dei,
qui tollis peccata mundi:
donna eis requiem sempiternam.*

6. Comunhão: Lux aeterna

MEIO-SOPRANO, TENOR E BAIXO

*Lux aeterna luceat eis, Domine:
Cum Sanctis tuis in aeternum:
quia pius es.
Requiem aeternam dona eis, Domine:
Et lux perpetua luceat eis.
Cum Sanctis tuis in aeternum:
quia pius es.*

8. Libera me

SOPRANO E CORO

*Libera me, Domine, de morte aeterna,
in die illa tremenda:
Quando coeli movendi sunt et terra:
Dum veneris judicare saeculum per ignem.
Tremens factus sum ego, et timeo
dum discussio venerit,
atque ventura ira.
Quando coeli movendi sunt i terra.
Dies illa, dies irae,
calamitatis et miseriae,
dies magna et amara valde.*

*Requiem aeternam dona eis, Domine;
et lux perpetua luceat eis.*

Cordeiro de Deus,
que tiras os pecados do mundo:
dá-lhes o repouso.

Cordeiro de Deus,
que tiras os pecados do mundo:
dá-lhes o repouso.

Cordeiro de Deus,
que tiras os pecados do mundo:
dá-lhes o repouso eterno.

Que a luz eterna os ilumine, Senhor:
Com os teus Santos pela eternidade:
pois és piedoso.
Dá-lhes, Senhor, repouso eterno:
E que a luz perpétua os ilumine.
Com os teus Santos pela eternidade:
pois és piedoso.

Liberta-me, Senhor, da morte eterna,
naquele dia terrível:
Quando os céus e a terra forem movidos:
Quando vieres julgar o mundo pelo fogo.
Tremo e tenho medo,
por causa do dia do julgamento
e da ira que com ele virá.
Quando os céus e a terra forem movidos.
Aquele dia, um dia de ira,
de calamidade e tristeza,
grande dia e verdadeiramente amargo.
Dá-lhes, Senhor, o repouso eterno;
e que para eles resplandeça a luz perpétua.

Giordano Bellincampi

direcção musical

Giordano Bellincampi é o director musical da Auckland Philharmonia. Nascido em Itália, mudou-se para Copenhaga muito jovem. Aí iniciou os estudos de trombone, na Orquestra Real Dinamarquesa, antes da sua estreia profissional enquanto maestro, em 1994. No passado, foi maestro principal dos I Pomeriggi Musicali (Milão), maestro titular da Orquestra Sinfónica de Kristiansand (2013-2018), director-geral musical da Filarmónica de Duisburg (2012-2017), director-geral musical da Ópera Nacional Dinamarquesa em Aarhus (2005-2013), director musical da Orquestra Filarmónica de Copenhaga (2000-2006) e maestro titular da Athelas Sinfonietta em Copenhaga (1997-2000), o mais destacado ensemble contemporâneo da Dinamarca.

Bellincampi é regularmente convidado de muitas orquestras por todo o mundo, particularmente na Escandinávia e na Europa, entre elas as Reais de Estocolmo, Roterdão e Filarmónica Flamenga e a Sinfónica de S. Petersburgo; mas também na América do Norte, na Ásia e na Austrália. Com um vastíssimo repertório abarcando música clássica, romântica e contemporânea, é particularmente aclamado pela audácia com que aborda as tradições sinfónicas centro-europeia, italiana e escandinava e pelas suas interpretações de importantes obras corais e vocais.

Giordano Bellincampi tem sido exímio no campo da ópera, tendo-se estreado com *La Bohème* para a Ópera Real de Copenhaga, em 2000. Desde então, aí dirigiu muitas grandes obras italianas, com especial enfoque em Puccini e Verdi, incluindo a aclamada nova produção de *Aida* na abertura do novo teatro daquela companhia, em 2005. Tem dirigido

frequentemente a Ópera Alemã do Reno: uma nova produção de *Luisa Miller* em 2012/13 e, na temporada seguinte, as óperas *Norma*, *La Bohème*, *Cavalleria Rusticana* e *I Pagliacci*. Enquanto director musical da Ópera Nacional Dinamarquesa, apresentou obras como *O Cavaleiro da Rosa*, *O Holandês Voador*, *Tristão e Isolda*, *Don Giovanni* e *A Flauta Mágica*. Mantém relações próximas com muitos dos principais cantores de ópera da actualidade, entre os quais Angela Gheorghiu, Joseph Calleja e Roberto Alagna, trabalhando regularmente com estes em galas e recitais orquestrais.

Enquanto professor associado da Academia Real Dinamarquesa, Giordano Bellincampi dedica-se à formação de futuros músicos e maestros de orquestra. Ensina também em masterclasses e é jurado em inúmeros concursos internacionais de direcção de orquestra. É Cavaleiro da Ordem de Danneborg, uma comenda atribuída em 2010 pela Família Real dinamarquesa em reconhecimento pelos serviços prestados à cultura daquele país, e *Cavaliere* nomeado pelo presidente italiano, pela promoção internacional da música italiana.

Maria Luigia Borsi soprano

Aclamada pelos críticos do mundo inteiro pela sua dinâmica vocal e bravura interpretativa, a soprano italiana Maria Luigia Borsi construiu uma carreira que a tem levado aos palcos da Europa, da Ásia e dos Estados Unidos da América. Começou a carreira com o papel de Liù em *Turandot* (Teatro alla Scala, Milão). Rapidamente se estreou em Veneza, na histórica reabertura do Teatro La Fenice, no papel de Violetta em *La Traviata*, sob a direcção de Lorin Maazel.

Apresentou-se nos Festivais de Salzburgo (*Otello*), Zurique (*La Traviata*) e Les Chorégies d'Orange (*Turandot*), na Philharmonie de Berlim (Suor Angelica), na Ópera Alemã de Berlim (*La Bohème*), no Gran Teatre del Liceu em Barcelona (*La Bohème*), no Teatro Nacional de Tóquio (*Così fan tutte* e *Otello*), na Arena di Verona (*Carmen*), na Ópera Real Dinamarquesa (*Madama Butterfly* e *La Bohème*) e nas Óperas de Pittsburgh (*Madama Butterfly*), Gotemburgo (*Le nozze di Figaro*) e Novaya de Moscovo (*Il Trovatore*). Colaborou com as Sinfónicas de Londres, Viena, Israel, Munique, Roterdão, Tóquio e Seul, a Orquestra de Câmara Escocesa e a Sinfónica Alemã de Berlim.

Tem trabalhado com prestigiados maestros como Riccardo Muti, Zubin Mehta, Lorin Maazel, Myung-Whun Chung, Marcello Viotti, Michel Plasson, Alain Lombard, Marco Armiliato, Yannick Nézet-Séguin, Andrés Orozco-Estrada, Pablo Heras-Casado, Carlo Rizzi, Ramon Tebar, Giordano Bellincampi, Enrique Mazzola, Donato Renzetti e Maurizio Benini; e encenadores como Franco Zeffirelli, Hugo de Ana, Damiano Michieletto, Stephen Langridge, Graham Vick, Jürgen Flimm, Pier Luigi Pizzi, Mario Martone, Daniele Abbado, Giancarlo del Monaco, Nicolas Joel e Robert Carsen.

Fez o seu recital de estreia no Wigmore Hall de Londres, em 2010. Tem sido requisitada internacionalmente para interpretar o repertório sinfónico e operático. Desenvolveu uma longa parceria artística com o maestro Lorin Maazel (mais de 40 concertos), interpretando principalmente a *Nona Sinfonia* de Beethoven e a *Messa da Requiem* de Verdi. Canta também obras como *Il Tramonto* de Respighi, *La Dame de Monte-Carlo* de Poulenc, *Quatro Últimas Canções* de R. Strauss, *Chants d'auvergne* de Canteloube e as Sinfonias n.ºs 2 e 8 de Mahler.

Um dos momentos altos da sua carreira aconteceu no concerto de abertura da Expo Milão, onde partilhou o palco com a Orquestra do Teatro alla Scala, o pianista Lang Lang, a soprano Diana Damrau, o tenor Francesco Meli, o barítono Simone Piazzola e o maestro Marco Armiliato. Destaca-se ainda a apresentação de *Tosca* com a Filarmónica de Londres. Em 2019, tornou-se membro da Academia Global de Verão Chigiana de Siena. Foi convidada especial num novo programa televisivo, *Now Hear This*, transmitido nos Estados Unidos da América.

A discografia de Maria Luigia Borsi inclui uma gravação ao vivo de *Don Giovanni* de Mozart com Zubin Mehta (Helicon), um DVD ao vivo da *Nona Sinfonia* de Beethoven com Lorin Maazel (Kultur), *Turandot* de Puccini (Fenice), *Carmen* de Bizet com Franco Zeffirelli, a ópera *Maometto II* de Peter von Winter (Marco Polo) e o seu primeiro álbum a solo, *Italian Soprano Arias*, com a Sinfónica de Londres e direcção de Yves Abel (Naxos).

Maria Borsi nasceu em Sora (Itália) e estudou com Antonietta Stella, Lucia Stanesco, Claudio Desderi e Renata Scotto.

Olesya Petrova meio-soprano

Natural de S. Petersburgo, Olesya Petrova licenciou-se no Conservatório Estatal Rimski-Korsakoff da mesma cidade, em 2008, na classe de Irina Bogacheva. A sua agenda futura inclui os papéis de Abadessa em *The Fiery Angel* no Teatro Real, Ulrica na Ópera Alemã de Berlim, Amneris e Suzuki na Royal Opera House (Londres), Azucena na Metropolitan, *Requiem* de Verdi no NHK de Tóquio, entre outros.

Entre os projectos mais recentes destacam-se as interpretações de Ulrica no Teatro de la Maestranza; Amneris (*Aida*) na Arena di Verona, em San Diego, em Boston e na Metropolitan Opera; Princesa de Bouillon na companhia de Anna Netrebko na Ópera Alemã de Berlim; Azucena (*Il Trovatore*) e Federica (*Luisa Miller*) na Metropolitan. Apresentou recentemente o *Requiem* de Verdi no Teatro San Carlo de Nápoles e com a Filarmónica de Israel em Telavive, dirigida por Mehta; Amneris e Ulrica na Metropolitan; Azucena em Florença e na Ópera Østfold; *Requiem* de Verdi com a Orquestra de Cadaqués; Nosedá e Amneris na Ópera de Auckland (Nova Zelândia); Polina no Teatro Bolshoi; a versão de concerto de *Carmen* com a Orquestra Filarmónica de Győr; e Ulrica em S. Petersburgo.

Em 2015, interpretou *Os Contos de Hoffmann* (Metropolitan de Nova Iorque), *Requiem* de Verdi (Théâtre du Châtelet de Paris), *Missa Solemnis* de Beethoven com David Robertson (Sidney) e Charlotte em *Werther* (Teatro Verdi de Trieste). Em 2013/14 estreou-se no papel de Madelon em *Andrea Chenier* (Metropolitan), Azucena na Ópera Nacional Letã e Fena em *Nabucco*, na Ópera de Montréal. Em 2014/15 regressou à Metropolitan para interpretar o papel de Mãe n'Os *Contos de Hoffmann*, à Ópera de Hamburgo para o papel de

Federica (*Luisa Miller*) e ao Teatro del Liceu de Barcelona enquanto Emilia (*Otello*). Fez ainda a voz de meio-soprano em *Ivan*, o *Terrível* com a Filarmónica de Oviedo, entre outros.

Olesya Petrova é solista na Ópera do Conservatório de S. Petersburgo desde 2007. O seu repertório inclui Marfa (*Khovanshchina*), Konchakovna (*Príncipe Igor*), Lel (*A Donzela da Neve*), Lyubasha (*A Noiva do Czar*), Amneris (*Aida*), Carmen (*Carmen*), Olga (*Eugene Onegin*), Polina, Condessa (*Dama de Espadas*), Maddalena (*Rigoletto*), Ioanna (*A Dama de Orléans*) e Ulrica (*Um Baile de Máscaras*).

Cantora lírica muito requisitada por diversas orquestras e ensembles de câmara russos, o seu repertório de concerto inclui cantatas e oratórias de Bach, Pergolesi, Mozart, Beethoven, Verdi, Berlioz, Wagner, Mahler e Prokofieff. Foi dirigida por prestigiados maestros, dos quais se destacam Valery Gergiev, Leo Kremer, Fabio Mastrangelo e Vladimir Fedoseev.

Fez digressões na Europa, nos Estados Unidos, na América do Sul, na Coreia, na China e no Japão. A temporada 2011/12 marcou o seu reconhecimento internacional no papel de Kanschakowna (*Príncipe Igor* de Borodin), na Ópera de Zurique. Em 2021/22, interpreta Ulrica (*Um Baile de Máscaras*) na Ópera Nacional Grega de Atenas.

Foi galardoada no XI Concurso Internacional Tchaikovski (2.º Prémio, Moscovo, 2007) e no Concurso Internacional Galina Vishnevskaya (2.º Prémio, Moscovo, 2006). Em 2011, foi finalista no concurso Cardiff Singer of the World.

Gustavo Porta tenor

Nascido em Carrilobo, região de Córdoba (Argentina), Gustavo Porta iniciou os estudos musicais no Conservatório de Córdoba e prosseguiu-os no Instituto Superior de Arte do Teatro Colón, em Buenos Aires. Estreou-se em 1996, no Teatro Colón.

Mudou-se para Itália em 1999 e fez a sua estreia europeia em Pádua, com *Carmen*. Em 2001, estreou-se com *I vespri siciliani* em Darmstadt. A partir deste momento a carreira do jovem artista disparou, resultando em mais compromissos nos teatros italianos e no estrangeiro, com muitas obras importantes do repertório lírico, ao lado de maestros como Zubin Mehta, Richard Bonyngé, Asher Fisch, Renato Palumbo, Daniel Oren, Frédéric Chaslin, Riccardo Chailly, Rafael Frühbeck de Burgos, Pier Giorgio Morandi, Donato Renzetti e Miguel Martínez, e de grandes encenadores como Giancarlo del Monaco, Franco Zeffirelli, Pier Luigi Pizzi, Gilbert Deflo, entre outros.

Tem integrado produções de relevo tais como: *I Pagliacci* na Ópera Estatal de Viena; *Manon Lescaut* na Ópera Alemã de Berlim; *Le Villi* no Teatro del Liceu de Barcelona; *Ernani* na Ópera de Liège; *Manon Lescaut* e *I Pagliacci* no Novo Teatro Nacional de Tóquio; *Otelo* e *I Pagliacci* no NCPA de Pequim; *Andrea Chénier* no Teatro Real de Turim; *Aida*, *Tosca* e *Cavalleria Rusticana* no Maggio Musicale de Florença; *Carmen* no Festival Masada; *Aida* no Festival Avenches e no Teatro dell'Opera de Roma; *I Lombardi alla prima crociata* no Teatro Colón de Buenos Aires; *La Dolores* de Breton no Teatro Real de Madrid; *Turandot* (Calaf) em Hong Kong; *Cavalleria Rusticana* (Turiddu) no Teatro Lírico de Cagliari; *Turandot* (Calaf), *Il tabarro* (Luigi) e *Tosca* (Cavaradossi) na Ópera Alemã do Reno; *Turandot* (Calaf) e *Norma* (Pollione)

no Teatro Verdi de Salerno; *Turandot* (Calaf) com a Orquestra Filarmónica de Israel dirigida por Zubin Mehta; *Il Trovatore* (Manrico) e *Adriana Lecouvreur* (Maurizio) no Teatro San Carlo de Nápoles, *Otello* (papel principal) na Ópera Alemã do Reno em Düsseldorf; *Andrea Chénier* (papel principal) no Grand Théâtre de Tours e na Ópera de Toulon; *Il Trovatore* no Teatro Verdi de Salerno. Na Nova Ópera Israelita de Telavive, interpretou *Os Contos de Hoffmann*, *Otelo*, *Carmen* (Don José), *Don Carlo* (papel principal), *Tosca* (Cavaradossi), *A Força do Destino* (Don Alvaro), *Norma* (Pollione) e *Um Baile de Máscaras* (Riccardo).

levgen Orlov barítono

levgen Orlov nasceu na Ucrânia. Os seus projectos mais recentes levaram-no a salas como a Ópera Real Dinamarquesa (Comendador em *Don Giovanni*), a Metropolitan Opera (Sparafucile e Comendador), a Ópera Alemã de Berlim (Timur, Ludovico e Sparafucile), a Ópera de Leipzig (Filippo), o Teatro Municipal do Chile (Oroveso), entre outros. Apresentou-se também como Il Grande Inquisitore na Ópera de Israel e no Festival Verdi do Teatro Real de Parma; Zaccaria e Oroveso na Ópera Alemã de Berlim; e Sparafucile na Ópera Estatal de Hamburgo. Desde a temporada 2016/17, é membro solista da Ópera Alemã de Berlim, onde já interpretou os papéis de Comendador, Colline, Bonzo, Varlaam, Pimen, Zuniga, Timur, Rei, Sparafucile, Bosun e Angelotti.

Na temporada 2015/16 apresentou-se no Teatro de la Maestranza de Sevilha (Koch em *Der König Kandaules*), na Metropolitan (Comendador em *Don Giovanni* e Rei em *Aida*) e no Festival Klosterneuburg (Monterone). Nos anos anteriores, assumiu os papéis de Príncipe Gremin na Ópera Alemã de Berlim, Bonzo no Liceu de Barcelona e Basílio no Teatro Nacional do Chile. Entre os seus projectos mais recentes inclui-se Oroveso na Metropolitan, Padre Guardiano e Calatrava na ABAO (Bilbau), Comendador na Ópera de Oviedo, Zaccaria na Ópera de Montréal e no Festival Noites Líricas de Sanxay, e Sir Giorgio em *Puritani*. Participou no programa “Young Singers Project” do Festival de Salzburgo, em 2010. No mesmo ano, foi solista convidado num Concerto de Gala da Ópera do Quebeque. No ano seguinte, interpretou os papéis de Filippo II no Teatro de la Maestranza de Sevilha (encenação de Giancarlo del Monaco), Ramfis e Comendador na Metropolitan, Zaccaria e Padre Guardiano na

ABAO, e Loredano e Comendador na Ópera de Los Angeles.

levgen Orlov iniciou os estudos musicais em 1998, na Academia de Música de Donetsk, e formou-se como violoncelista em 2002. Em 2004 iniciou os estudos vocais na Academia de Música Nacional Tchaikovski da Ucrânia. Durante o período da sua formação, foi galardoado com diversos prémios em concursos internacionais de canto, de entre os quais: The Art of XXI Century (Kiev, 2008 — Grande Prémio), Concurso Vocal Alchevskii (Carcóvia, 2007 — Grande Prémio), Concurso Vocal Lysenko (Kiev, 2007 — 2.º Prémio) e Concurso Vocal S. Krushelnyska (Lviv, 2009 — 2.º Prémio). Foi ainda premiado no concurso internacional Operalia, em 2010.

Desde 2006, é solista na Ópera Nacional da Ucrânia, onde já se apresentou nos papéis de Príncipe Gremin (*Eugene Onegin*), Rei René (*Iolanta*), Malyuta e Sobakin (*A Noiva do Czar*), Banquo (*Macbeth*), Monterone (*Rigoletto*), Konchak (*Príncipe Igor*), Bonzo (*Madama Butterfly*), Faraó e Ramfis (*Aida*), Basílio (*O Barbeiro de Sevilha*) e Creonte (*Oedipus Rex*). O seu repertório inclui também os *Requiem* de Verdi e de Mozart e as *Paixões* de Bach. Tem participado em digressões da Ópera Nacional da Ucrânia à Rússia e a outros países, trabalhando com maestros como Igor Blazhkov, Marco Armiliato, Daniel Oren, James Conlon, Plácido Domingo, Riccardo Frizza, Alan Gilbert, Josep Pons e Alexander Vedernikov.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury, a que se junta em 2022 a compositora Rebecca Saunders.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2022, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Rebecca Saunders, Philippe Manoury, António Pinho Vargas e Solange Azevedo. Nesta temporada, destaca-se ainda

a interpretação das óperas *Senza sangue* de Peter Eötvös e *O Castelo do Barba Azul* de Béla Bartók, numa sessão única com direcção do próprio Eötvös, e grandes obras corais-sinfónicas como o *Requiem* de Verdi e a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, ao lado do Coro Casa da Música.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Coro Casa da Música

Paul Hillier maestro emérito

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música é constituído por uma formação regular de 18 cantores, que se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados. Contou com Paul Hillier como maestro titular, até 2019, e tem sido também dirigido por outros maestros prestigiados no âmbito da música coral, como Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Sofi Jeannin, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Kaspars Putniņš, Nacho Rodríguez, Gregory Rose, Nils Schweckendiek, Léo Warynski e James Wood. As suas participações em programas corais-sinfónicos levam-no a trabalhar com os maestros Martin André, Stefan Blunier, Douglas Boyd, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky e Takuo Yuasa, destacando-se ainda os programas de música antiga com especialistas como Laurence Cummings, Paul McCreesh e Hervé Niquet.

As temporadas do Coro Casa da Música revelam um repertório eclético que se estende desde os primórdios da polifonia medieval à nova música. Ao longo dos anos, apresentou em estreia mundial obras de Michael Gordon, Gregory Rose, Manuel Hidalgo, Carlos Caires e ainda uma partitura reencontrada de Lopes-Graça. Mais recentemente, dividiu com o Remix Ensemble a primeira audição mundial do *Requiem* de Francesco Filidei. Fez ainda estreias nacionais de obras de compositores fundamentais do nosso tempo como Birtwistle, Manoury, Dillon, Haas ou Rihm, e tem interpretado outras figuras-chave dos séculos XX e XXI, como Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina ou Cage.

A música portuguesa tem sido um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira. O seu primeiro disco, dedicado a Fernando Lopes-Graça, será brevemente editado pela Naxos.

As colaborações com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música têm permitido ao Coro a interpretação de obras como: *Vésperas* de Monteverdi, *Te Deum* de Charpentier, *Missa em Si menor*, *Oratória de Natal e Magnificat* de Bach, *Messias* de Händel, *As Estações e A Criação* de Haydn, *Requiem* de Mozart, *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Sinfonia Coral e Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Requiem* de Verdi e muitas outras.

A temporada de 2022 confirma a grande versatilidade do Coro Casa da Música, atravessando praticamente todos os períodos da história da música coral, desde Palestrina e Bach ao experimentalismo de Mauricio Kagel e Cornelius Cardew, incluindo obras-chave como as *Vésperas* de Rachmaninoff e Motetes de Bruckner, além de música contemporânea de compositores portugueses. Em parceria com as orquestras da Casa da Música, interpreta o *Requiem* de Verdi, a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, o *Credo* de Arvo Part e a *Missa Cellensis* de Haydn.

O Coro Casa da Música faz digressões regulares, tendo actuado no Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e no Auditório Nacional de Madrid, no Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, no Festival Handel de Londres, no Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, no Festival Tense Days em Marselha, nos Concertos de Natal de Ourense e em várias salas portuguesas.

Coro Ricercare

Pedro Teixeira maestro titular

O Coro Ricercare é tudo o que a paixão pela música coral significa. O trabalho de expressão, fusão e qualidade vocal faz das suas actuações verdadeiros momentos marcantes. O grupo integra na sua formação jovens músicos de diversas proveniências curriculares: Escola de Música do Conservatório Nacional, Instituto Gregoriano de Lisboa, Escola Superior de Música de Lisboa, entre outras. A procura incessante de um resultado de excelência na música coral, que desde sempre pautou o seu trabalho, tem feito com que o Coro Ricercare se tenha vindo a destacar há vários anos como um coro de referência.

Desde a sua fundação, o Coro Ricercare dedica grande parte da sua actividade à interpretação de nova música portuguesa, tendo estreado mais de 50 obras de compositores nacionais desde a primeira edição do ciclo “Jovens Compositores Portugueses”, em 2006, junto com a Orquestra Sinfonietta de Lisboa — o outro agrupamento da Ricercare.

O Coro Ricercare foi fundado pelos maestros Carlos Caires e Paulo Lourenço, e é dirigido desde 2001 por Pedro Teixeira.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Violino I

Martyn Jackson
Álvaro Pereira
Ianina Khmelik
Emília Vanguelova
Andras Burai
Alan Guimarães
José Despujols
Roumiana Badeva
Evandra Gonçalves
Vadim Feldblioum
Mafalda Vilan*
Pedro Carvalho*
Gabriela Peixoto*
Ana Luísa Carvalho*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
José Paulo Jesus
Karolina Andrzejczak
Lilit Davtyan
Catarina Martins
Domingos Lopes
Francisco Pereira de Sousa
Pedro Rocha
Paul Almond
Nikola Vasiljev

Viola

Mateusz Stasto
Anna Gonera
Jean Loup Lecomte
Hazel Veitch
Francisco Moreira
Luís Norberto Silva
Biliana Chamlieva
Emília Alves
Theo Ellegiers
Tânia Trigo*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Michal Kiska
Irene Alvar
João Cunha
Sharon Kinder
Hrant Yeranosyan
Bruno Cardoso
Aaron Choi

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Jorge Villar Paredes
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Joel Azevedo
Altino Carvalho

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Tamás Bartók
Roberto Henriques

Clarinete

Carlos Alves
João Moreira

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov
Bruna Carvalho*

Trompa

José Bernardo Silva
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik

Trompete

Ivan Crespo
José Almeida*
Luís Granjo
Rui Brito
Sérgio Pacheco
Mário Pinto*
Carlos Leite*
Vasco Faria*

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Luís Oliveira*

Tímpanos

José Afonso Sousa*

Percussão

Paulo Oliveira

*instrumentistas convidados

Coro Ricercare

Sopranos

Beatriz Chirife
Francisca Ribeiro
Isabel Cruz Fernandes
Juliana Branco
Maria Meireles
Raquel Pedra
Sara Maia
Sofia Brito
Sofia Portela

Contraltos

Ana Proença
Filipa Augusto
Inês Silva
Laura Martins
Madalena Barão
Rita Meireles

Tenores

Bruno Sales
Francisco Pinheiro
Gustavo Paixão
Luís Beirão
Rui Luís

Baixos

Alexandre Gomes
António Lopes
David Martinho
Felipe Corrêa
Henrique Coelho
João Líbano Monteiro
Miguel La Fera

Coro Casa da Música

Sopranos

Alexandra Moura
Liliana Coelho
Márcia Azevedo
Maria Mendes
Rita Morais
Rita Venda
Teresa Queirós

Contraltos

Bernardete Felisberto
Dalila Teixeira
Filipa Aires
Joana Guimarães
Maria João Gomes
Sara Cláudio
Sofia Pinto
Susana Milena
Svitlana Oksyuta

Tenores

Bernardo Pinhal
Fábio Borges
Gonçalo Limpo Faria
Gustavo Queirós
Jorge Barata
Marcos Rosa
Paulo Lapa
Rui Aleixo
Vitor Sousa

Baixos

Alexandre Soares
João Barros
Miguel Vasconcelos
Nuno Almeida
Nuno Mendes
Ricardo Rebelo da Silva
Ricardo Torres
Tiago Matos
Tomé Azevedo

Maestro assistente

Pedro Teixeira

Pianista co-repetidor

Luís Duarte

22 sexta · 21:00 sala suggestiva

HALLELUJAH

1.ª PARTE

CORO CASA DA MÚSICA

NILS SCHWECKENDIEK direcção musical

Hallelujah de MAURICIO KAGEL

2.ª PARTE

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

PETER RUNDEL direcção musical

VICTOR PEREIRA clarinete

MÁRIO TEIXEIRA vibrafone

obras de JEAN BARRAQUÉ e VINKO GLOBOKAR

24 domingo · 18:00 sala suggestiva

CAMINHOS

1ª PARTE

CORO CASA DA MÚSICA

NILS SCHWECKENDIEK direcção musical

obras de SAMUEL BARBER, HENRI POUSSEUR

e CORNELIUS CARDEW

2ª PARTE

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

STEFAN BLUNIER direcção musical

MATEUSZ STASTO viola

obras de PIERRE BOULEZ e LUCIANO BERIO

23 sábado · 18:00 sala suggestiva

CREDO

1.ª PARTE

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

PEDRO NEVES direcção musical

TIAGO MATOS barítono

obras de GIACINTO SCELSI e GEORGE CRUMB

2.ª PARTE

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

CORO CASA DA MÚSICA

CORO RICERCARE

STEFAN BLUNIER direcção musical

PAULO BARROS flauta

LUÍS SILVA clarinete

GAVIN HILL fagote

NUNO VAZ trompa

LUÍS DUARTE piano

obras de SIR HARRISON BIRTWISTLE e ARVO PÄRT

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

